O ENSINO DE PROJETO ARQUITETÔNICO

RENATA BACHIN MAZZINI*
JORGE MARÃO CARNIELO MIGUEL**

MAZZINI, R. B.; MIGUEL, J. M. C. O ensino de projeto arquitetônico. *Semina*: Ci. Soc. Hum., Londrina, v. 21, n. 3, p. 135-136, set. 2000.

RESUMO: *Embora sejam dadas várias fórmulas de como se fazer um projeto arquitetônico, cabe a cada pessoa descobrir o seu método próprio, através do conhecimento, do estudo e da pesquisa. A criatividade, fundamental na arquitetura, pode ser conseguida através do raciocínio do conhecimento já consolidado ou do novo descoberto. Muitas vezes, o próprio sistema de ensino é o culpado por não estimular o desenvolvimento da capacidade criativa dos alunos e, o que é pior, nem lhe dá chances para sua demonstração. O que se torna necessário, é a união da didática-pedagógica às disciplinas especializadas, aliada ao diálogo e respeito entre professor e aluno. Cada pessoa envolvida no ensino deve fazer a sua parte, seja em relação às aulas, locais físicos ou, no caso dos alunos, aos problemas propostos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Projeto arquitetônico; ensino; criatividade; Arquitetura.*

Considerando a existência e a criação de várias escolas de arquitetura, e a qualidade dos profissionais que dependem delas, o ensino de projeto arquitetônico cada vez mais ganha relevância. Como ensinar arquitetura se a maioria das pessoas a entendem como arte e ciência? Como avaliar a arte? Se não se pode ensinar arquitetura e, consequentemente, a criatividade, tão importante para tal profissão, para que existem as escolas? E como garantir que se formem bons profissionais?

Sempre que se é lançado um tema para o desenvolvimento de um projeto, procura-se primeiramente responder a certas questões inerentes ao local, programa de necessidades, clima, legislação, etc. Estas respostas certamente ajudam, mas não são suficientes, uma vez que cada pessoa deve descobrir seu próprio método projetual dentro dela mesma. Cada pessoa, dependendo do nível do seu conhecimento, das experiências vividas, do modo como enxerga as coisas ao seu redor, tem a sua própria maneira de entender os problemas propostos.

Então como existem pessoas, que dentro de um mesmo grupo, teoricamente com o mesmo nível cultural, se diferenciam tão drasticamente na busca de soluções para problemas propostos? Estas pessoas, criativas, certamente têm um modo especial de ver o mundo, e sempre apreendem as coisas que estão a sua volta. Apreendem conscientemente, "guardam" as visões na mente, relacionam-nas e entendem-nas a sua maneira. E elas fazem isso através de todo o conhecimento já incorporado e tudo o que é familiar, conhecido. São mais sensíveis e conseguem, permanentemente, enxergar e observar coisas que outras pessoas facilmente deixam para trás. Tudo pode ser o "estopim" para uma grande idéia: cada ação que se pratica, cada problema que se resolve, cada sensação e emoção que se sente, cada lugar que se visita...

Como, no caso do curso de Arquitetura e Urbanismo, pode-se estimular o aluno desenvolver o tema para um projeto proposto? E como garantir que ele terá "aquela" idéia? Primeiramente, tudo vai depender do grau de interesse dele no problema proposto. As idéias surgem do estudo, da pesquisa, do raciocínio. O pensamento atua sobre o conhecimento. Quanto maior seu esforço em aprender, mais relações ele será capaz de formular. O que acontece algumas vezes, é que o próprio professor, inconscientemente, "poda" a liberdade de criar de seus alunos. O que atrapalha então, é o medo de confiar em suas próprias idéias.

Além disso, professor e aluno, inevitavelmente,

* Graduada em Arquitetura e Urbanismo em 1999 e pós-graduanda em Arquitetura e Pós-modernidade, ambos pela UEL.
** Doutor pela FAU/USP, em 1999 e docente no curso de Arquitetura e Urbanismo, da UEL.

estão em patamares culturais diferentes. O docente deve se esforçar, através dos atendimentos, do diálogo, da troca de experiências para que essa distância seja a menor possível. O diálogo deve existir para haver a concordância do que realmente interessa no ensino: a aprendizagem, não os conceitos obtidos para a aprovação. A certeza de que o programa formulado realmente é o melhor a ser estudado e evolui junto com o mundo. A relação teoria/prática, a interdisciplinariedade.

O que deve existir, é a certeza de que a educação não existe para ser decorada, e sim, para fornecer bases que formam opiniões críticas a respeito dos acontecimentos que influenciam a vida de qualquer pessoa. Deve-se criar a consciência da verdadeira importância dos métodos utilizados, e sua influência na formação de profissionais cidadãos e de alguns futuros formadores.

MAZZINI, R. B.; MIGUEL, J. M. C. The teaching of architectural scheme. *Semina*: Ci. Soc. Hum., Londrina, v. 21, n. 3, p. 136-136, set. 2000.

ABSTRACT: *Althought many formulas of how to make an architectural scheme are given, each person must discover her own method, through knowledge, study and research. Creativity, fundamental in architecture, can be got through reasoning about consolidated knowledge or the discovered new one. Many times, the teaching system is guilty because it doesn't stimulate the development of creative capacity of the students and, what is worst, it doens't give chances to demonstrate it. What is necessary, is the union of didactic-pedagogic to the specialized subjects, with dialogue and respect between teacher and student. Each person in the teaching must do her own part, related to classes, phisical places or, about students, to proposed problems.*

KEY WORDS: *Architectural scheme; teaching; creativity; Architecture.*

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, P. *Conscientização*: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

KNELLER, G. F. *Arte e ciência da criatividade.* 4. ed. São Paulo: IBRASA, 1976.

LEMOS, C. A. C. *O que é arquitetura.* São Paulo: Brasiliense, 1980. (Coleção Primeiros Passos).

MONTENEGRO, G. A. *A invenção do projeto:* a criatividade aplicada em Desenho Industrial, Arquitetura, Comunicação Visual. São Paulo: E. Blücher, 1987.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação.* 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.